



**MODO DE PRODUÇÃO CAPITALISTA E A CONSTITUIÇÃO DE
OPRESSÕES PARA SILVIA FEDERICI:
CAMINHOS DE LUTA A PARTIR DE ANGELA DAVIS E DJAMILA RIBEIRO**

MARIA CRISTINA LONGO CARDOSO DIAS¹

RESUMO: Pretende-se, neste artigo, compreender de que forma a constituição do modo de produção capitalista está ligada à composição de diversas opressões como as de gênero, raça e classe, a partir do pensamento de Silvia Federici. Uma vez exposta a relação entre o modo de produção capitalista e a constituição de opressões para a referida autora, tenciona-se entender possíveis caminhos de luta, por meio do pensamento de Angela Davis e Djamila Ribeiro.

PALAVRAS-CHAVE: Silvia Federici, Opressão, Modo de produção capitalista, Angela Davis, Djamila Ribeiro.

ABSTRACT: The aim of this paper is to understand how constitution of capitalist mode of production is linked to the composition of various oppressions such as those of gender, race and class, based on Silvia Federici's thought. Once relation between capitalist mode of production and constitution of oppressions is exposed, for the mentioned author, it is intended to explore possible paths of struggle, through Angela Davis' and Djamila Ribeiro's thoughts.

KEYWORDS: Silvia Federici, oppression, capitalist mode of production, Angela Davis, Djamila Ribeiro.

De acordo com Silvia Federici, no livro *Calibã e a Bruxa*, o modo de produção capitalista foi constituído como expressão de uma contrarrevolução das classes dominantes em relação às conquistas dos trabalhadores e trabalhadoras, da Europa, do período medieval². Especialmente no final do século XIV e século XV, a classe trabalhadora europeia havia obtido grandes conquistas devido à escassez de mão de obra consequente da peste negra, bem como por conta das lutas antifeudais empreendidas ao longo de toda Idade Média³.

Este período foi o que Marx denominou como idade de ouro da força de trabalho europeia, conforme afirma Silvia Federici (2017, p. 100), na passagem abaixo:

¹ Professora de Filosofia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Doutora em Filosofia pela Universidade de São Paulo (USP). E-mail: crislongo@gmail.com.

²Federici, Silvia, 2017, p.103: “Todavia, no final do século XV foi posta em marcha uma contrarrevolução que atuava em todos os níveis da vida social e política”.

³Federici, Silvia, 2017, p.100: “No entanto, para uma parte importante do campesinato da Europa Ocidental e para os trabalhadores urbanos, o século XV foi uma época de poder sem precedentes. Não só a escassez de trabalho lhes deu poder de decisão, mas também o espetáculo de empregadores competindo por seus serviços reforçou sua própria valorização e apagou séculos de degradação e submissão”.

Efetivamente, no começo do século XV, pelo menos na Inglaterra, a servidão ou a vilanagem haviam desaparecido quase por completo (...).

O que se seguiu tem sido descrito como “a idade de ouro do proletariado europeu” (Marx, 1909, t.I; Braudel 1967, pp.128 e segs).

Tais conquistas levaram a classe dominante (composta pela burguesia nascente e pela aristocracia) a um verdadeiro desespero que fez com que se unissem na procura por mão de obra a ser explorada⁴. Esta busca resultou nos cercamentos e expulsão do campesinato da terra, constituição, na Europa, de uma massa de mendigos, criminosos, prostitutas sem-terra e sem acesso aos meios de vida que vagavam pelas estradas e cidades à procura de algum modo de sobreviver. Para Silvia Federici, os cercamentos tinham o objetivo de expulsar camponeses e camponesas da terra não com o intuito de liberá-los, mas com a finalidade de fixá-los no trabalho mal pago, em resposta às conquistas que haviam obtido no século XV.

Paralelamente, o impulso para encontrar pessoas a serem exploradas levou ao início do colonialismo, tráfico de escravos, gerando o que pode ser denominado como um verdadeiro holocausto dos povos negros e originários das Américas. Em suma: “Como sabemos, “a conquista, a escravização, o roubo, o assassinato: em uma palavra, a violência” foi o pilar desse processo (...)”. (Federici, Silvia, 2017, p.116).

De acordo com a autora, foram necessários mais de três séculos para controlar a força de trabalho que não desejava vender seus corpos nem mesmo diante da fome e da força⁵. Os esforços perpetrados com este intuito envolveram a perseguição de homens e mulheres, torturas, execuções, confinamentos nas *workhouses* ou casas de trabalhos forçados e a grande caça às bruxas. Tal ânsia por exploração da força de trabalho abarcou a captura e tráfico de povos da África para as Américas, bem como a opressão da população indígena. A ofensiva contra os povos africanos e indígenas envolveu inúmeras táticas de opressão como escravização para exploração de seus trabalhos, torturas, castigos, execuções e abusos sexuais de toda sorte.

Além da violência física efetuada contra homens europeus e mulheres europeias com a finalidade de dominar seus corpos para o trabalho produtor de mercadorias não-humanas e

⁴Federici, Silvia, 2017, p. 116: “Foi em resposta a essa crise que a classe dominante europeia lançou a ofensiva global que, ao longo de ao menos três séculos, mudaria a história do planeta, estabelecendo as bases do sistema capitalista mundial, no esforço implacável de se apropriar de novas fontes de riqueza, expandir sua base econômica e colocar novos trabalhadores sob seu comando”.

⁵Federici, Silvia, 2017, pp.243-244: “A imagem de um trabalhador que vende livremente seu trabalho, ou que entende seu corpo como um capital que deva ser entregue a quem oferecer o melhor preço, se refere a uma classe trabalhadora já moldada pela disciplina do trabalho capitalista. Contudo, é apenas na segunda metade do século XIX que se pode vislumbrar um trabalhador como este — moderado, prudente, responsável, orgulhoso de possuir um relógio (Thompson, 1964), e que considera as condições impostas pelo modo de produção capitalista como “leis da natureza” (Marx, 1909, t. i, p. 809) —, um tipo que personifica a utopia capitalista e que é ponto de referência para Marx”.

humanas (no caso das mulheres), criou-se todo um conjunto de teorias e ideologias que condenavam os corpos que se contrapusessem ao trabalho, seja porque tinham hábitos de ócio ou porque acreditassem em poderes pessoais como a magia⁶. Tais teorias expressaram-se inclusive na filosofia que passava a ver o corpo como uma máquina, criando uma separação entre racionalidade e corpo, sendo que este último e tudo que dizia respeito a ele (como as paixões) deveria ser dominado pela razão⁷. No caso dos povos africanos e indígenas, as ideologias presentes nas teorias tentavam afirmar sua dominação, expressando que tais povos seriam inferiores, com uma cultura atrasada que deveria ser substituída pela cultura dos povos dominantes. Em outras palavras, tais teorias tentavam justificar a escravização, torturas, assassinatos e abusos de todos os tipos de negros, negras e indígenas. O racismo em relação aos povos negros e indígenas foi amplamente promovido nas Américas, inclusive do ponto de vista legal⁸, como forma de mais explorar e subjugar estes povos, bem como maneira de quebrar qualquer possibilidade de união entre brancos pobres, negros e indígenas⁹.

Este empreendimento de tentativa de dominação e domesticação dos corpos para o trabalho diretamente produtor de mercadorias não-humanas, para o trabalho de geração e cuidado de pessoas e escravização dos povos africanos e ameríndios constituiu o processo denominado, por Federici, de acumulação primitiva que está na base da constituição do modo de produção capitalista. O capitalismo ergueu-se, portanto, como um modo de produção pautado em opressões de classe, raça e gênero, como forma de acumular trabalho¹⁰.

⁶Federici, Silvia, 2017, p.253: “A concepção de que o corpo era algo mecânico, vazio de qualquer teleologia intrínseca — as “virtudes ocultas” atribuídas ao corpo tanto pela magia natural quanto pelas superstições populares da época —, pretendia fazer inteligível a possibilidade de subordiná-lo a um processo de trabalho que dependia cada vez mais de formas de comportamento uniformes e previsíveis”.

⁷Federici, Silvia, 2017, pp.270-271: “Descartes reconhece que a supremacia da mente sobre o corpo não se alcança facilmente, já que a razão deve afrontar suas contradições internas. Assim, em *As paixões da alma* (1650), ele nos apresenta a perspectiva de uma batalha constante entre as faculdades baixas e as faculdades altas da alma, que ele descreve quase em termos militares, apelando para a nossa necessidade de ser valentes e de obter as armas adequadas para resistir aos ataques de nossas paixões”.

⁸Federici, Silvia, 2017, pp.216: “No entanto, este processo não foi automático. Assim como o sexismo, o racismo teve que ser legislado e imposto. Dentre as proibições mais reveladoras, devemos, mais uma vez, levar em conta que o casamento e as relações sexuais entre negros e brancos foram proibidos. As mulheres brancas que se casaram com escravos negros foram condenadas e os filhos gerados desses casamentos foram escravizados pelo resto de suas vidas. Estas leis, aprovadas em Maryland e na Virgínia, na década de 1660, são provas da criação de cima para baixo de uma sociedade segregada e racista, e de que as relações íntimas entre “negros” e “brancos” deveriam ser, efetivamente, muito comuns, se para acabar com elas considerou-se necessário recorrer à escravização perpétua”.

⁹Federici, Silvia, 2017, p.218: “Dividir e conquistar” também se tornou a política oficial nas colônias espanholas, depois de um período em que a inferioridade numérica dos colonos sugeria uma atitude mais liberal perante as relações interétnicas e as alianças com os chefes locais por meio do matrimônio. No entanto, na década de 1540, na medida em que o aumento na quantidade de mestiços debilitava o privilégio colonial, a “raça” foi instaurada como um fator-chave na transmissão da propriedade, e uma hierarquia racial foi estabelecida para separar indígenas, mestiços e mulatos uns dos outros e da população branca (Nash, 1980).

¹⁰Federici, Silvia, 2017, p.119: A acumulação primitiva não foi, então, simplesmente uma acumulação e uma concentração de trabalhadores exploráveis e de capital. Foi também uma acumulação de diferenças e divisões

A opressão de classe se dá pela formação de uma massa de trabalhadores e trabalhadoras que não possuem nada para vender além de sua força de trabalho, sendo que sempre ganham salários menores do que aquilo que contribuem para a produção. Do ponto de vista das mulheres¹¹, a situação é ainda pior, porque neste processo de acumulação primitiva foram privadas do controle sobre seus corpos, pela criminalização de saberes e métodos contraceptivos que possuíam. As mulheres foram submetidas a uma nova ordem patriarcal, sob o mando do capital, em que seus corpos foram colocados a serviço da reprodução e do cuidado de gente, trabalho este efetuado sem nenhuma remuneração. Quando elas conseguem um trabalho remunerado fora de casa, o sexismo existente faz com que recebam remunerações menores do que as dos homens, nas mesmas funções, e que continuem com a incumbência de cuidar dos filhos e da casa. Do ponto de vista dos povos africanos e indígenas escravizados foi perpetrado um verdadeiro genocídio¹² e desumanização de seus corpos com vistas à extração mais espúria de seus trabalhos.

Pode-se depreender do que foi ressaltado que se criou um sistema de exploração e divisão dentro da imensa maioria subjugada que compunha a força de trabalho¹³. Dentre todos os explorados, os homens brancos estão acima das mulheres brancas, de trabalhadores negros, negras e indígenas, pois apesar de serem assalariados e terem o excedente de seu trabalho usurpado na forma de mais-valor, estão inseridos em uma cultura patriarcal que lhes dá primado de mando dentro de casa, sobre seus filhos e suas esposas, aproveitando-se de uma condição que, na maioria das vezes, os exime de fazer trabalhos domésticos e de cuidados com seus filhos¹⁴. Mulheres brancas viriam logo abaixo dos homens brancos na pirâmide de exploração, tendo dificuldades de se inserir no mercado de trabalho. Quando se colocam tendem a ganhar menos que homens brancos, nas mesmas funções, e a estarem expostas a jornadas triplas que as obriga ao trabalho remunerado fora de casa, cuidado com os filhos e filhas e com a casa. Abaixo das mulheres brancas estão os homens negros que além de terem muito mais dificuldades que homens brancos para arranjar empregos, tendem a ocupar funções subalternas

dentro da classe trabalhadora, em que as hierarquias construídas sobre o gênero, assim como sobre a “raça” e a idade, se tornaram constitutivas da dominação de classe e da formação do proletariado moderno.

¹¹Para Djamila Ribeiro a categoria mulher não deve ser universalizada, tendo em vista que mulheres brancas e negras sofrem consequências distintas da exploração patriarcal. Mulheres negras são ainda mais exploradas tendo em vista que sofrem opressão por serem mulheres e negras, dentro de uma sociedade machista e racista.

¹²Federici, Silvia, 2017, p.126, nota 61.

¹³Federici, Silvia, 2017, p.18: “Descobrimos que as hierarquias sexuais quase sempre estão a serviço de um projeto de dominação que só pode se sustentar por meio da divisão, constantemente renovada, daqueles a quem se procura governar”.

¹⁴Federici, Silvia, 2017, p.26: “ii) a construção de uma nova ordem patriarcal, baseada na exclusão das mulheres do trabalho assalariado e em sua subordinação aos homens (...)”.

de trabalho, bem como a ganhar menores salários, por conta do racismo que os exclui de oportunidades. Ademais, continuam expostos a todo tipo de violência racista e a um cruel genocídio, conforme se mostrará adiante. As mulheres negras estão na base da pirâmide social¹⁵, tendo em vista que são as mais exploradas, por serem as que conseguem os piores empregos (quando conseguem), são também as que recebem as mais baixas remunerações (como empregadas domésticas, por exemplo), são as que precisam realizar os serviços domésticos e de cuidados com seus filhos e as que sofrem as piores humilhações devido ao fato de serem mulheres e estarem sujeitas a todo tipo de violência machista como o feminicídio, bem como pelo fato de sofrerem racismo, um sistema de negação de oportunidades e de discriminação.

É importante notar que estas divisões presentes na classe trabalhadora são fundamentais para que o capital possa explorá-la de forma ainda maior e dominá-la de maneira mais eficiente, conforme ressalta a autora. Isto não significa, de forma alguma, que todos e todas devam buscar como parâmetro de luta os salários dos trabalhadores brancos, tendo em vista que estes, enquanto assalariados, também são explorados, embora menos explorados que as mulheres brancas e negras e homens negros. De acordo com Silvia Federici (2017, p.11): “Rejeitamos a suposição de que o caminho para a libertação das mulheres seria ocupar os mesmos empregos fabris que os trabalhadores estavam recusando”

Tal sistema de opressões forjado na origem do modo de produção capitalista é constantemente reproduzido, a cada novo ciclo de produção do capital. Parece claro que este sistema de opressões requer uma resposta de luta coletiva contra todas as explorações. As lutas das mulheres negras podem fornecer uma resposta, tendo em vista que estes são os corpos em que as opressões de gênero, classe e raça entrecruzam-se.

De acordo com Djamila Ribeiro, trata-se de compreender que o racismo não envolve apenas xingamentos ou atitudes individuais, ele é um sistema de opressão que nega direitos, que reduz as oportunidades de homens negros e mulheres negras e desumaniza estas pessoas¹⁶. Como dito anteriormente, Silvia Federici ressalta que o racismo foi principalmente construído

¹⁵Este artigo não aprofunda a questão das escolhas de sexualidade como geradoras de opressão, deixamos esta matéria para a escrita de outro texto. Contudo, com a construção de uma nova ordem patriarcal capitalista, com a valorização da sexualidade ligada apenas à gestação de pessoas, entende-se que uma ofensiva contra a homossexualidade foi duramente perpetrada. De tal forma que se as mulheres negras compõem a base da pirâmide social de exploração, mulheres negras homossexuais ou trans sofrem ainda mais com a discriminação.

¹⁶Ribeiro, Djamila, 2018, p.41: “Racismo é um sistema de opressão, e, para haver racismo, deve haver relações de poder. Negros não possuem poder institucional para ser racistas. A população negra sofre um histórico de opressão e violência que a exclui”.

e estabelecido durante o período colonial para justificar a escravização desses corpos e dividir a classe trabalhadora, conferindo superioridade aos brancos e brancas.

Para Djamila Ribeiro, tendo em vista esta herança colonial de racismo, faz-se necessário confrontá-la em todos os aspectos, como o combate à negação de oportunidades de trabalho e de educação formal, a luta contra padrões de estética eurocêntricos que excluem o fenótipo negro, questionamentos de piadas e teorias que retroalimentam o racismo, bem como a derrubada de um sistema que privilegia brancos e brancas em detrimento de negros e negras, denominado branquitude¹⁷.

Segundo a autora, há que se lutar em todas estas frentes para dismantelar o racismo estrutural que nega humanidades, oportunidades e direitos aos homens negros e mulheres negras. A restituição de saberes e o reestabelecimento de epistemologias apagadas também precisam ser efetuados para que culturas produzidas por povos africanos, que foram propositadamente criminalizadas e invisibilizadas, voltem a ser enxergadas como saberes¹⁸.

Nomear opressões¹⁹, reconhecer que estão interconectadas e que precisam ser combatidas em conjunto são percepções que as lutas contra a exploração devem assumir. As mulheres negras, por serem entrecortadas por todas as opressões, como as piores explorações de classe, de gênero e de raça, são a materialização dos corpos mais afetados pelo sistema e que, portanto, possuem um lugar de extrema potência nas lutas. Assumir o ponto de vista das mulheres negras significa lutar contra a maioria das formas de exploração, quer dizer, portanto, pensar outras maneiras de organização social, outros marcos civilizatórios²⁰.

Angela Davis também ressalta a importância de reconhecermos as diversas formas de opressão que estão postas no modo de produção capitalista, destaca a relevância de percebermos suas conexões e lutarmos contra elas de forma conjunta. Isto requer que todas e todos os trabalhadores reconheçam que são explorados e que um sistema que produz e reproduz explorações não pode significar liberdade²¹. Assim, os trabalhadores brancos não podem se

¹⁷Ribeiro, Djamila, 2019b, p.36: "Portanto, o racismo foi inventado pela branquitude, que como criadora deve se responsabilizar por ele (...)".

¹⁸Ribeiro, Djamila, 2019b, p.35-36.

¹⁹Ribeiro, Djamila, 2019a, p. 41:"E, para tal, é preciso focar nessa realidade ou, como as feministas negras afirmam há muito, nomear: Se não se nomeia uma realidade, nem sequer serão pensadas melhorias para uma realidade que segue invisível(...)".

²⁰Ribeiro, Djamila, 2019a, p. 14: "Pensar em feminismo negro é justamente romper com a cisão criada numa sociedade desigual. Logo, é pensar projetos, novos marcos civilizatórios para que pensemos um novo modelo de sociedade".

²¹ Davis, Angela 2018, p.99: "O feminismo envolve muito mais do que a igualdade de gênero. E envolve muito mais do que gênero. O feminismo deve envolver a consciência em relação ao capitalismo – quer dizer, o feminismo a que me associo. E há múltiplos feminismos, certo? Ele deve envolver uma consciência em relação ao capitalismo, ao racismo, ao colonialismo, às pós-colonialidades, às capacidades físicas, a mais gêneros do que jamais imaginamos, a mais sexualidades do que pensamos poder nomear. O feminismo não nos ajudou apenas a

libertar sem a união com as trabalhadoras brancas, trabalhadores negros e trabalhadoras negras. Não há liberdade possível quando há opressão de um grupo, porque negar direitos a apenas uma pessoa significa colocar em questão o direito a uma vida plena a todos os seres humanos. Portanto, a luta contra a opressão requer o reconhecimento de que este é um sistema produtor e reprodutor de explorações que precisa ser combatido em conjunto pelos oprimidos e oprimidas²².

Desta forma, quando um trabalhador branco explora os corpos e trabalhos domésticos e de cuidados de mulheres está quebrando a sua própria libertação, pois rompe com a possibilidade de que suas companheiras se identifiquem com ele e lutem ao seu lado. O mesmo ocorre quando pessoas brancas pensam se beneficiar do racismo por possuírem privilégios em todas as áreas de suas vidas. Enganam-se, pois o privilégio social conferido à branquitude mina a possibilidade de união entre brancos e negros em um combate conjunto contra a opressão e pela construção da liberdade.

Vejamos a seguir, com mais detalhes, como Silvia Federici descreve o nascimento do modo de produção capitalista como um sistema produtor e reprodutor de opressões que busca explorar os indivíduos através do roubo de seu trabalho, seja no âmbito do trabalho remunerado, no caso homens brancos, mulheres brancas, homens negros e mulheres negras, seja no âmbito do trabalho (não remunerado) de reprodução da força de trabalho que recai sobre as mulheres (sobretudo sobre as mulheres negras), seja criando divisões na classe trabalhadora como o sexismo e o racismo.

Em seguida veremos como Angela Davis e Djamila Ribeiro propõem a organização de lutas contra as opressões.

Modo de produção capitalista como gerador de um sistema de opressões para Silvia Federici.

Conforme mencionado anteriormente, segundo Silvia Federici, o modo de produção capitalista não representa uma promessa de libertação como muitos o entendem, ao contrário, o capitalismo surge como uma contrarrevolução em resposta às lutas antifeudais perpetradas durante todo período medieval. De acordo com a autora:

reconhecer uma série de conexões entre discursos, instituições, identidades e ideologias que tendemos a examinar separadamente. Ele também nos ajudou a desenvolver estratégias epistemológicas e de organização que nos levam além das categorias “mulher” e gênero. As metodologias feministas nos impelem a explorar conexões que nem sempre são aparentes. E nos impulsionam a explorar contradições e descobrir o que há de produtivo nelas”.

²²Ribeiro, Djamila, 2019a, p.48, citação indireta de Sueli Carneiro, 2003, pp.50-51: “Se o feminismo deve liberar as mulheres, deve enfrentar virtualmente todas as formas de opressão”.

O capitalismo foi a contrarrevolução que destruiu as possibilidades que haviam emergido da luta antifeudal – possibilidades que, se tivessem sido realizadas, teriam evitado a imensa destruição de vidas e de espaço natural que marcou o avanço das relações capitalistas no mundo. Devemos enfatizar este aspecto, pois a crença de que o capitalismo “evoluiu” a partir do feudalismo e de que representa uma forma mais elevada de vida social ainda não se desfez. (Federici, Silvia, 2017, p.44)

Em outras palavras, o capitalismo nasce como um contra-ataque às conquistas dos trabalhadores e trabalhadoras da Idade Média. O processo de acumulação primitiva toma lugar como um sistema que visava acumular trabalho²³ e divisões na classe trabalhadora, através dos cercamentos de terras, destruição da vida comunal, interrupção do acesso direto dos trabalhadores aos seus meios de subsistência, docilização e domesticação dos corpos para que se transformassem em máquinas de trabalhar, constituição de nova ordem patriarcal, com vistas à construção de uma nova divisão sexual do trabalho, a fim de expropriar as mulheres de saberes e controle dos seus corpos, colocando-as a serviço da reprodução e cuidado das novas gerações de força de trabalho. Ao mesmo tempo, como foi mencionado, o desejo de acumular trabalho pelas classes dominantes, como resposta às conquistas do campesinato europeu, especialmente do final do século XIV e século XV, deu impulso a uma caça de força de trabalho com a escravização dos povos africanos e indígenas. Segundo Silvia Federici (2017, pp.120-121):

Na Europa Ocidental, ocorreram os cercamentos, a caça às bruxas, as marcações a fogo, os açoites e o encarceramento de vagabundos e mendigos em workhouses e em casas correccionais recém-construídas, modelos para o futuro sistema carcerário. No horizonte, temos o surgimento do tráfico de escravos, enquanto nos mares os barcos já transportavam indentured servants (servos contratados) e criminosos condenados da Europa para a América.

De acordo com a autora, no livro *Calibã e a Bruxa*, lutas contra a opressão feudal aconteceram em toda a Europa, como os movimentos milenaristas e heréticos, por exemplo. Tais movimentos, principalmente os movimentos heréticos, realizados nos séculos XIII e XIV, pregavam a igualdade entre todos e todas, o que envolvia a igualdade entre homens e mulheres, bem como sua igualdade material. Silvia Federici define o movimento herético da seguinte forma:

A heresia denunciou as hierarquias sociais, a propriedade privada e a acumulação de riquezas, e definiu entre o povo uma concepção nova e revolucionária da sociedade que, pela primeira vez na Idade Média, redefiniria todos os aspectos da vida cotidiana (o trabalho, a propriedade, a reprodução sexual e a situação das mulheres). (Federici, Silvia, 2017, p.70).

²³Federici, Silvia, 2017, p.34: “Nessa linha, *Calibã e a Bruxa* mostra que, na sociedade capitalista, o corpo é para as mulheres o que a fábrica é para os homens trabalhadores assalariados: o principal terreno de sua exploração e resistência, na mesma medida em que o corpo feminino foi apropriado pelo Estado e pelos homens, forçado a funcionar como um meio para a reprodução e a acumulação de trabalho”.

Segundo a autora, não seria exagero afirmar que este movimento constituiu “a primeira internacional proletária” (Federici, Silvia, 2017, p.70), tendo em vista que representou a composição de uma estrutura comunitária alternativa, como os taboritas da Boemia, “para quem o estabelecimento da igualdade e a propriedade comunal eram tão importantes quanto a reforma religiosa” (Federici, Silvia, 2017, p.74) ou os cátaros destacados por sua aversão à guerra e à pena de morte. As palavras de John Ball, líder intelectual da revolta camponesa de 1381, expressam bem o conteúdo da heresia, a saber: “fomos feitos à imagem de Deus, mas nos tratam como animais”- e acrescentou: “nada estará bem na Inglaterra (...) enquanto houver cavaleiros e servos” (Dobson, 1983, p.371). (Federici, Silvia, 2017, p.75).

Estes movimentos foram duramente reprimidos por toda Europa²⁴, os hereges eram presos, torturados, emparedados ou queimados na fogueira, a Inquisição foi estabelecida com o objetivo de eliminar a heresia. De acordo com Silvia Federici, a Inquisição deixou marcas profundas na história e cultura europeia, criando um clima de intolerância, detenção preventiva e suspeita, através da denúncia anônima, que reaparece até os dias atuais.

No século XIV, conforme mencionou-se, houve uma forte escassez de mão de obra, devido à redução populacional entre 30% a 40% da Europa, ocasionada pela peste negra²⁵. Este elemento, ligado ao histórico de lutas antifeudais, como o movimento herético, deu origem a uma ampliação da correlação de poder da força de trabalho, gerando forte incremento de rendimentos, abundância alimentícia, menores jornadas ou o que podemos denominar de redução da exploração dos trabalhadores e trabalhadoras servis, conforme verifica-se na citação abaixo:

Às vezes, os trabalhadores eram pagos todos os dias do ano, apesar de não trabalharem aos domingos ou nos principais feriados. A comida corria à custa dos empregadores e era pago um viaticum para ir e vir de casa ao trabalho, calculado por cada milha de distância. Além disso, exigiam ser pagos em dinheiro e queriam trabalhar apenas cinco dias por semana (Federici, Silvia, 2017, p.100).

²⁴Federici, Silvia, 2017, p.69: “Em 1229, o Concílio de Toulouse estabeleceu que os hereges deveriam ser identificados e castigados. Os hereges declarados e seus protetores deviam ser queimados na fogueira. A casa onde um herege era descoberto devia ser destruída e a terra sobre a qual estava construída devia ser confiscada. Aqueles que renegavam suas crenças deviam ser emparedados, enquanto aqueles que reincidissem tinham que sofrer o suplício da fogueira. Depois, entre 1231 e 1233, Gregório IX instituiu um tribunal especial com a função específica de erradicar a heresia: a Inquisição. Em 1254, o papa Inocêncio IV, com o consenso dos principais teólogos da época, autorizou o uso da tortura contra os hereges (Vauchez, 1990, pp. 163-5)”.

²⁵Federici, Silvia, 2017, p. 96: “A Peste Negra, que matou, em média, entre 30% e 40% da população europeia, constituiu um dos momentos decisivos no decorrer das lutas medievais. A consequência mais importante da peste foi, entretanto, a intensificação da crise do trabalho gerada pelo conflito de classes: ao dizimar a mão de obra, os trabalhadores tornaram-se extremamente escassos, seu custo aumentou de forma crítica e a determinação das pessoas em romper os laços do domínio feudal foi estabelecida”.

O século XV foi um momento de grande prosperidade da força de trabalho da Europa, “uma época de poder sem precedentes” (Federici, Silvia, 2017, p.100). A escassez de trabalho e a competição dos empregadores por sua mão de obra “apagou séculos de degradação e submissão” (Federici, Silvia, 2017, p.100). Os empregadores ficavam escandalizados com os altos salários, com sua empáfia, “sua recusa a trabalhar ou a continuar trabalhando depois que haviam satisfeito suas necessidades (...); sua obstinada determinação para tarefas limitadas, em vez de períodos prolongados de tempo; suas demandas por benefícios extras além de salário; sua vestimenta ostensiva” (Federici, Silvia, 2017, p.101) que não podia ser distinguida das vestimentas dos senhores. Segundo a autora, John Gower denunciava que os servos pareciam senhores.

Este processo de aumento da correlação de poder dos trabalhadores levou ao quase total desaparecimento da servidão no final do século XIV e século XV, conduzindo à supressão quase que completa das amarras dos servos em relação à terra. Os trabalhadores livres só aceitavam trabalhar por uma substancial gratificação²⁶.

Tal prosperidade da classe trabalhadora significou menores ganhos das classes dominantes, bem como menor poder de mando, o que as levou a efetuar uma ofensiva contrarrevolucionária em relação à força de trabalho, conforme mencionado. Inicialmente, as classes dominantes incitaram e permitiram que mulheres, especialmente de classe baixa, fossem estupradas, muitas vezes coletivamente, como forma de “acalmar os ânimos dos homens” que demoravam a conseguir sexo porque tardavam a se casar, por não possuírem recursos²⁷. A prostituição também passou a ser estimulada em bordéis municipais, na Europa, e a ser reconhecida oficialmente como um serviço público, como um alívio contra a agitação dos

²⁶Federici, Silvia, 2017, p.102.

²⁷Federici, Silvia, 2017, pp.103-104: “Como demonstrou Jacques Rossiaud em *Medieval Prostitution* (1988) [A prostituição medieval], na França, as autoridades municipais praticamente descriminalizaram o estupro nos casos em que as vítimas eram mulheres de classe baixa. Na Veneza do século XIV, o estupro de mulheres proletárias solteiras raramente tinha como consequência algo além de um puxão de orelhas, até mesmo nos casos frequentes de ataque em grupo (Ruggiero, 1989, pp. 94, 91-108). O mesmo ocorria na maioria das cidades francesas. Nelas, o estupro coletivo de mulheres proletárias se tornou uma prática comum, que se realizava aberta e ruidosamente durante a noite, em grupos de dois a quinze que invadiam as casas ou arrastavam as vítimas pelas ruas sem a menor intenção de se esconder ou dissimular. Aqueles que participavam desses “esportes” eram aprendizes ou empregados domésticos, jovens e filhos das famílias ricas sem um centavo no bolso, enquanto as mulheres eram meninas pobres que trabalhavam como criadas ou lavadeiras, sobre as quais circulavam rumores de que eram “mantidas” por seus senhores (Rossiaud, 1988, p. 22). Em média, metade dos jovens participou alguma vez nesses ataques, que Rossiaud descreve como uma forma de protesto de classe, um meio para que homens proletários — forçados a postergar seus casamentos por muitos anos, devido às suas condições econômicas — cobrassem aquilo que era “seu” e se vingassem dos ricos”.

jovens proletários, como um remédio contra a homossexualidade, considerada um risco, especialmente pós despovoamento ocasionado pela peste negra²⁸.

Este foi um momento de degradação de todas as mulheres, em especial das mulheres pobres, e de geração de divisões na classe trabalhadora entre homens e mulheres, na Europa. O estímulo à violência sexual contra as mulheres foi realizado com o claro intuito de segmentar a força de trabalho e provocar, sem que os homens percebessem, uma diminuição de poder das lutas antifeudais como um todo. Em outros termos, ainda que os homens pensem ter se beneficiado dos estupros de mulheres ocorridos no séc. XIV e XV, na Europa, eles não só rebaixaram as mulheres como degradaram a si próprios pelo enfraquecimento das lutas, segundo expresso na passagem a seguir:

Porém, os resultados foram destrutivos para todos os trabalhadores, pois o estupro de mulheres pobres com consentimento estatal debilitou a solidariedade de classe que se havia alcançado na luta antifeudal. (Federici, Silvia, 2017, p.104).

Ainda dentro da ofensiva antirrevolucionária da classe dominante (comercial e aristocrata), foram efetuados cercamentos dos campos que se constituíram como um procedimento de expulsão dos camponeses e camponesas das terras, seja por meio de dívidas que não conseguiam pagar, seja por intermédio da expulsão explicitamente violenta²⁹. Neste processo, mulheres foram ainda mais prejudicadas que homens, tendo em vista sua reduzida mobilidade devido aos cuidados com os filhos e por conta do risco que corriam de sofrer ataques sexuais³⁰.

Não foi sem resistência que mulheres e homens aceitaram ser expulsos das terras que há muitas gerações cultivavam. Segundo Silvia Federici, 2017, p.141: “Os motins contra os cercamentos se transformavam frequentemente em levantes de massa”. A rebelião de Kett foi

²⁸ Federici, Silvia, 2017, pp.104-105: “Outro aspecto da política sexual fragmentadora que príncipes e autoridades municipais levaram a cabo com a finalidade de dissolver o protesto dos trabalhadores foi a institucionalização da prostituição, implementada a partir do estabelecimento de bordéis municipais que logo proliferaram por toda a Europa. Tornada possível graças ao regime de salários elevados, a prostituição gerida pelo Estado foi vista como um remédio útil contra a turbulência da juventude proletária (...)”

²⁹Federici, Silvia, 2017, p.130: “O maior processo de privatização e cercamento de terras ocorreu no continente americano, onde, no início do século XVII, os espanhóis tinham se apropriado de um terço das terras comunais indígenas sob o sistema de encomenda (...). Na Europa, a privatização da terra começou no final do século XV, coincidindo com a expansão colonial. Ela assumiu formas diferentes: despejo de inquilinos, aumento de aluguel e impostos elevados por parte do Estado, o que levou ao endividamento e à venda de terras. Defino todos esses processos como expropriação de terra, porque, mesmo quando a força não era usada, a perda da terra se dava contra a vontade do indivíduo ou da comunidade, solapando sua capacidade de subsistência. Duas formas de expropriação de terra devem ser mencionadas: a guerra — cujo caráter mudou nesse período, uma vez que passou a ser usada como meio para transformar arranjos territoriais e econômicos — e a reforma religiosa”.

³⁰Federici, Silvia, 2017, p.144: “(...) as mulheres foram as que mais sofreram quando a terra foi perdida e o vilarejo comunitário se desintegrou. Isso se deve, em parte, ao fato de que, para elas, era muito mais difícil tornar-se “vagabundas” ou trabalhadoras migrantes, pois uma vida nômade as expunha à violência masculina, especialmente num momento em que a misoginia estava crescendo. As mulheres também tinham mobilidade reduzida devido à gravidez e ao cuidado dos filhos (...)”.

a mais famosa delas, em seu ápice os rebeldes somavam 16 mil pessoas, “contavam com uma artilharia, derrotaram um exército do governo de 12 mil homens e, inclusive, tomaram Norwich, que era então a segunda maior cidade da Inglaterra” (Federici, Silvia, 2017, p.141). Mulheres destruíram um cercamento em 1694, em York. E por isso foram presas³¹.

O resultado dos cercamentos foi o corte abrupto da possibilidade de acesso à terra dos trabalhadores e trabalhadoras e, portanto, aos meios de subsistência. Conforme aludiu-se, a consequência das dificuldades de acesso à terra foi a transformação de boa parte dos camponeses e camponesas em mendigos, ladrões, famintos, doentes e prostitutas que vagavam pelas estradas e cidades em busca de alguma forma de subsistência³².

Ademais, a vida comunal que o campesinato compartilhava, por cultivar as terras em conjunto, devido ao sistema de campos abertos, bem como por partilhar terras verdadeiramente comunais como lagos, montanhas e florestas, foi destruída, em razão dos cercamentos. Um conjunto de práticas, saberes e culturas comunais foram arruinados com os cercamentos de terra, conforme verifica-se na citação abaixo do texto de Silvia Federici:

o uso comum dos campos agrícolas tinha muitas vantagens. Ele protegia os camponeses do fracasso de uma colheita, devido à variedade de faixas de terra a que uma família tinha acesso; (...) promovia uma forma de vida democrática, construída sobre a base do autogoverno e da autossuficiência, já que todas as decisões — quando plantar, quando colher, quando drenar os pântanos, quantos animais seriam permitidos nos campos comuns — eram tomadas pelos camponeses em assembleia. (Federici, Silvia, 2017, p.139).

As mulheres, por exemplo, possuíam autonomia maior, neste período, porque detinham saberes compartilhados que passavam de geração para geração, ao longo da vivência comunal, como o conhecimento de ervas, métodos contraceptivos e abortivos, além de poderem se apoiar mutuamente na ocasião de partos e cuidados com seus filhos. O acesso direto à terra e à possibilidade de cultivarem sua subsistência fazia com que o domínio patriarcal medieval fosse diminuído³³.

³¹Federici, Silvia, 2017, p.143.

³²Federici, Silvia, 2017, p. 139: “A coesão social começou a se decompor, as famílias se desintegraram, os jovens deixaram os vilarejos para se unir à crescente quantidade de vagabundos ou trabalhadores itinerantes — que logo se tornaram o principal problema social da época —, enquanto os idosos eram abandonados à sua própria sorte. Isso prejudicou principalmente as mulheres mais velhas, que, não contando mais com o apoio de seus filhos, caíam nas fileiras dos pobres ou sobreviviam à base de empréstimos, pequenos furtos ou atrasando o pagamento de suas dívidas. O resultado foi um campesinato polarizado não apenas por desigualdades econômicas cada vez mais profundas, mas também por um emaranhado de ódios e de ressentimentos que está bem documentado nos escritos sobre a caça às bruxas.

³³Federici, Silvia, 2017, p. 138: “Além de incentivar as tomadas de decisão coletivas e a cooperação no trabalho, as terras comunais eram a base material sobre a qual podia crescer a solidariedade e a sociabilidade campesina. Todos os festivais, os jogos e as reuniões da comunidade camponesa eram realizados nas terras comunais. A função social das terras comunais era especialmente importante para as mulheres, que, tendo menos direitos sobre a terra e menos poder social, eram mais dependentes das terras comunais para a subsistência, a autonomia e a sociabilidade. Parafraseando a afirmação de Alice Clark sobre a importância dos mercados para as mulheres na

Após os cercamentos formou-se, então, um enorme contingente de desocupados a serem enviados à exploração dos trabalhos remunerados ou não pagos. Contudo, Silvia Federici ressalta que foram necessários mais de dois séculos para transformar este contingente populacional em força de trabalho assalariada, passível de ser explorada massivamente desta “nova” forma. Era com muita resistência que o novo contingente populacional liberado aceitava a disciplina do trabalho assalariado, preferindo, em muitos casos, a mendicância ou o roubo, enfrentando a possibilidade de serem assassinados por isso³⁴.

Surgia uma nova ideologia expressa em teorias que corroboravam com a noção de que o corpo deveria se transformar em uma máquina de trabalho³⁵. Visões holísticas sobre organicidade dos corpos humanos e da natureza, predominantes no período medieval, foram substituídas por uma imagem mecanicista de funcionamento do corpo. Descartes, Bacon e Hobbes escreveram teorias que expressavam esta nova visão de mundo, segundo Silvia Federici.

Descartes participava amplamente de vivissecções, de acordo com a autora, para observar os órgãos funcionando nos animais ainda vivos. Realizava tais experimentos, provavelmente, porque pensava que os animais não possuíam alma³⁶. Hobbes acreditava que os órgãos eram como componentes de uma máquina, o coração como uma mola e as articulações como muitas rodas³⁷. Para Bacon a natureza deveria confessar seus segredos ainda que tivéssemos que torturá-la ou estuprá-la, fazendo uma clara alusão à tortura de mulheres e aos julgamentos de bruxas na Europa³⁸. De acordo com Silvia Federici, Hobbes acreditava que

Europa pré-capitalista, é possível dizer que as terras comunais também foram o centro da vida social das mulheres, o lugar onde se reuniam, trocavam notícias, recebiam conselhos e podiam formar um ponto de vista próprio — autônomo da perspectiva masculina — sobre os acontecimentos da comunidade (Clark, 1968, p. 51).

³⁴Federici, Silvia, 2017, pp.140-141: “Enquanto na Idade Média os salários podiam ser vistos como um instrumento de liberdade (em contraste com a obrigatoriedade dos serviços laborais), começaram a ser vistos como instrumentos de escravidão, logo que o acesso à terra chegou ao fim (Hill, 1975, p.181 e segs.)”.

(...)“vagabundos” e homens “sem senhor” que preferiam sair vagando pelos caminhos, arriscando-se à escravidão ou à morte —como prescrevia a legislação “sangrenta” aprovada contra eles — a trabalhar por um salário (Herzog, 1989, pp. 45-52).⁷⁷ Também explica a extenuante luta que os camponeses realizaram para defender suas terras da expropriação, não importa o quão escassas fossem”.

³⁵Federici, Silvia, 2017, p.251: “Na filosofia mecanicista se descreve o corpo por uma analogia com a máquina”.

³⁶Federici, Silvia, 2017, p.268-269: Descartes “Fez, inclusive, muitas vivissecções, consolado possivelmente por sua crença de que, tratando-se apenas de seres inferiores “despojados de razão”, os animais que ele dissecava não podiam sentir nenhuma dor (Rosenfield, 1968, p. 8)”.

³⁷Federici, Silvia, 2017, p.268-269: “Quando, por exemplo, Hobbes declara que “o coração [é] apenas uma mola [...] e as articulações apenas muitas rodas”, percebemos em suas palavras um espírito burguês, em que não apenas o trabalho é a condição e o motivo de existência do corpo, mas que também sente a necessidade de transformar todos os poderes corporais em força de trabalho”.

³⁸Federici, Silvia, 2017, p.366: “Merchant defende que uma das provas da conexão entre a perseguição às bruxas e o surgimento da ciência moderna encontra-se no trabalho de Francis Bacon, considerado um dos pais do novo método científico. Seu conceito de investigação científica da natureza foi moldado a partir do interrogatório das bruxas sob tortura, do qual surgiu uma representação da natureza como uma mulher a ser conquistada, revelada e estuprada (Merchant, 1980, pp. 168-72).

a razão não poderia dominar as paixões, por isso seria necessário um controle externo, um governo forte, capaz de dominar a todos e todas³⁹. Descartes ressaltava a necessidade de neutralização das paixões pelas faculdades altas da alma (Federici, Silvia, 2017, p.271).

Esta última visão foi a que predominou no caminho de construção do ser humano máquina, domesticado para o trabalho assalariado nascente. A ideia de que os indivíduos poderiam controlar a si mesmos, dominando suas paixões por meio da razão, constituiu-se como noção fundamental pregada por meio de teorias, da lei, da religião e da moralidade então nascente⁴⁰.

Desta forma, passou-se a apreciar o trabalho como valor moral positivo e a depreciar o ócio, o lazer e atividades que valorizavam o corpo como a dança, os jogos e outros⁴¹.

Em outros termos, a nova moral construída valorava positivamente o trabalho e menosprezava qualquer dispêndio de tempo em outras atividades. Entretanto, foram necessários mais de três séculos para estabelecer a disciplina do trabalho tal como a conhecemos. Foram indispensáveis violências externas como perseguições, prisões de grande contingente populacional em casas de trabalho forçado (*workhouses*), torturas e assassinatos, bem como violências internas que se referiam à construção de uma moral, religião, legislação e teorias que levassem os indivíduos a se autocontrolarem, a desejarem, de uma certa forma, submeter seus próprios corpos à condição de corpo máquina laboral. Segundo a autora:

A ideia de transformar este ser ocioso, que sonhava a vida como um grande carnaval, em um trabalhador incansável, deve ter parecido uma empreitada desesperadora. Significou, literalmente, “colocar o mundo de pernas pra cima, mas de uma maneira totalmente capitalista, um mundo onde a inércia do poder se converteria na falta de desejo e de vontade própria, onde a vis erótica se tornaria vis laborativa e onde a necessidade seria experimentada apenas como carência, abstinência e penúria eterna (...)”. (Federici, Silvia, 2017, p.284).

Tal ideologia parece uma noção óbvia para nossos dias, mas naquele momento constituía uma novidade que se contrapunha à visão de mundo do período feudal, conforme expressa a citação acima.

³⁹Federici, Silvia, 2017, p.254: “Para Hobbes, em contraste, a mecanização do corpo serve de justificação para a submissão total do indivíduo ao poder do Estado”.

⁴⁰Federici, Silvia, 2017, p.272: “O desenvolvimento do autocontrole (isto é, do domínio de si, do desenvolvimento próprio) se tornou um requisito fundamental em um sistema socioeconômico capitalista no qual se pressupunha que cada um fosse proprietário de si mesmo, o que se converteu em fundamento das relações sociais, e em que a disciplina já não dependia exclusivamente da coerção externa”.

⁴¹Federici, Silvia, 2017, p.241: “No entanto, o conflito é agora encenado dentro da pessoa, que é apresentada como um campo de batalha no qual existem elementos opostos em luta pela dominação. De um lado estão as “forças da razão”: a parcimônia, a prudência, o senso de responsabilidade, o autocontrole. De outro lado, estão os “baixos instintos do corpo”: a lascívia, o ócio, a dissipação sistemática das energias vitais que cada um possui. Este combate se passa em diferentes frentes, já que a razão deve manter-se atenta ante os ataques do ser carnal e evitar que (nas palavras de Lutero) a “sabedoria da carne” corrompa os poderes da mente”.

De acordo com o mencionado, levando em conta os cercamentos⁴² perpetrados ao longo dos séculos XV, XVI, XVII e XVIII, a situação das mulheres era ainda pior porque tinham menos mobilidade dada a possibilidade de gravidez, os cuidados com os filhos e os ataques sexuais que poderiam sofrer perambulando. Muitas transformaram-se em prostitutas, outras em mendigas e ladras, tendo em vista a impossibilidade de terem acesso aos meios de subsistência. Grande parte das mulheres idosas foi abandonada tendo que mendigar para auferir ao menos uma parte de seus meios de subsistência⁴³. Mulheres idosas representavam a memória de um mundo comunal recém-destruído.

O cenário de fome e penúria que se formou foi ainda mais agravado pelo aumento de preços dos bens de subsistência, de acordo com a autora: “Isso não foi obra da mão invisível do mercado, mas produto de uma política estatal que impedia que os trabalhadores se organizassem, enquanto dava aos comerciantes a máxima liberdade com relação ao estabelecimento de preços e ao movimento de mercadorias” (Federici, Silvia, 2017, p.150). Na Espanha, enquanto os preços dos alimentos subiram oito vezes, os salários apenas triplicaram. A crise dos salários foi especialmente grave para as mulheres, pois enquanto ganhavam metade dos salários dos homens no século XIV, passaram a ganhar um terço do salário deles⁴⁴. A prostituição cresceu exponencialmente seguida por um empobrecimento absoluto da classe trabalhadora. Em 1550, os trabalhadores e trabalhadoras da Europa eram chamados apenas de pobres⁴⁵. O alimento que constituiu o principal gasto de seu orçamento, neste período, foi apenas pão, o que representou um grande retrocesso, considerando que na baixa Idade Média consumia-se abundantemente carne⁴⁶. Os habitantes das cidades foram condenados à fome e à desnutrição. Assim, as revoltas dos séculos XVI e XVII organizavam-se em torno da tentativa de conseguir alimentos para subsistir⁴⁷, diferentemente das rebeliões dos séculos XIII, XIV e XV que possuíam uma pauta bem clara de luta pela igualdade e de construção de uma sociedade alternativa, conforme afirma a autora:

⁴²É importante notar que os processos de cercamentos e expulsão dos trabalhadores das terras acontecem até os dias atuais. A autora ressalta que o processo de acumulação primitiva, com todas as características descritas, sempre pode ser colocado em marcha novamente.

⁴³Federici, Silvia, 2017, p. 139: “Isso prejudicou principalmente as mulheres mais velhas, que, não contando mais com o apoio de seus filhos, caíam nas fileiras dos pobres ou sobreviviam à base de empréstimos, pequenos furtos ou atrasando o pagamento de suas dívidas”.

⁴⁴Federici, Silvia, 2017, p. 151.

⁴⁵Federici, Silvia, 2017, p.151.

⁴⁶Federici, Silvia, 2017, p.154.

⁴⁷Federici, Silvia, 2017, p.155. “(...) multidões erravam pelos campos, chorando e gemendo, “era tanta fome que poderiam devorar brotos nos campos” (Le Roy Ladurie, 1974); ou invadiam as cidades para aproveitar a distribuição de cereais ou para atacar as casas e os armazéns dos ricos que, por sua vez, corriam para conseguir armas e fechar as portas das cidades de modo a manter os famintos do lado de fora (Heller, 1986, pp. 56-63)”.

Que a transição para o capitalismo inaugurou um longo período de fome para os trabalhadores na Europa — que muito possivelmente terminou devido à expansão econômica gerada pela colonização — é algo que também fica demonstrado pelo fato de que, enquanto nos séculos XIV e XV a luta dos trabalhadores havia se centrado em torno da demanda por mais “liberdade” e menos trabalho, nos séculos XVI e XVII os trabalhadores foram espoliados pela fome e protagonizaram ataques a padarias e a armazéns e motins contra a exportação das colheitas locais (Manning, 1988; Fletcher, 1973; Cornwall, 1977; Beer, 1982; Bercé, 1990; Lombardini, 1983). (Federici, Silvia 2017, p.155)”.

No século XVII passou a haver, então, um decrescimento populacional derivado da morte de pessoas pelos motivos elencados acima.

Silvia Federici defende que o processo de acumulação primitiva foi um meio para acumulação de trabalho a ser explorado em todos os níveis, não apenas um processo de constituição da mão de obra para ser empregada no trabalho assalariado. De acordo com o que foi citado anteriormente, esta acumulação de trabalho envolveu os cercamentos, a formação de uma massa de trabalhadores que não possuía nada além de sua força de trabalho para vender no mercado, uma nova divisão sexual do trabalho que confinava os corpos femininos brancos ao trabalho doméstico e de cuidado para a reprodução da mercadoria força de trabalho, bem como a escravização dos povos negros e povos indígenas das Américas. Segundo a autora, o trabalho não pago das mulheres com a reprodução de gente foi fundamental para que mais capital fosse acumulado. Em outras palavras, capitalistas conseguiam reduzir seus custos de pagamento de salários com a exploração total, sem nenhuma remuneração, dos trabalhos de cuidado e de reprodução da força de trabalho efetuado pelas mulheres.

Para que esta nova divisão sexual do trabalho fosse posta em prática, como afirmou-se, foi necessário destruir a vida comunal que a precedeu, bem como forçar as mulheres, na Europa, ao papel de parideiras, mães, cuidadoras dos filhos e do lar, totalmente submetidas às vontades dos homens.

Os Estados foram criados com o intuito de gerir esta massa de famintos, ladrões, prostitutas e sem-terra, para domesticar corpos para o trabalho assalariado, bem como para submeter os corpos das mulheres a um território político controlado para a reprodução e cuidado com a força de trabalho. Segundo Silvia Federici (2017, p.169): “(...) o estado começou a castigar qualquer comportamento que obstruísse o crescimento populacional (...)”. Ainda de acordo com a autora:

No entanto, não pode ser apenas coincidência que, no momento em que os índices populacionais caíam e em que se formava uma ideologia que enfatizava a centralidade do trabalho na vida econômica, tenham se introduzido nos códigos legais europeus sanções severas destinadas a castigar as mulheres consideradas culpadas de crimes reprodutivos (...). (Federici, Silvia, 2017, p.170).

Em outras palavras, o Estado⁴⁸ passou a ser gestor da vida e da morte, sendo incumbido de lidar com os famintos sem-terra, através de assassinatos, por intermédio de sua internação em *workhouses*, através de assistência pública e como controlador dos dados de natalidade e mortalidade⁴⁹. Do ponto de vista das mulheres, o papel do Estado foi transformar seus corpos em territórios político-econômicos tirando de suas mãos qualquer possibilidade de controle de natalidade. Segundo Silvia Federici (2017, p.178):

Na Alemanha, a cruzada pró-natalista atingiu tal ponto que as mulheres eram castigadas se não faziam esforço suficiente durante o parto, ou se demonstravam pouco entusiasmo por suas crias (Rublack, 1996, p. 92). O resultado destas políticas, que duraram duzentos anos (as mulheres continuavam sendo executadas na Europa por infanticídio no final do século XVIII), foi a escravização das mulheres à procriação. Enquanto na Idade Média elas podiam usar métodos contraceptivos e haviam exercido um controle indiscutível sobre o parto, a partir de agora seus úteros se transformaram em território político, controlados pelos homens e pelo Estado: a procriação foi colocada diretamente a serviço da acumulação capitalista.

Conforme o que foi comentado anteriormente, antes dos cercamentos, havia sido desenvolvida uma verdadeira vida comunal em que mulheres compartilhavam conhecimentos sobre ervas, métodos contraceptivos, abortivos, sobre partos e apoiavam-se mutuamente na criação de seus filhos. Ademais, mulheres tinham acesso a meios de subsistência por meio do cultivo da terra, bem como podiam herdá-la em alguns casos⁵⁰. Muitas mulheres viúvas ou solteiras migravam para as cidades e lá estabeleciam-se, ao longo do tempo, como profissionais, açougueiras, padeiras, cervejeiras, comerciantes, parteiras, médicas, professoras, curandeiras, entre outras profissões⁵¹.

Com os cercamentos que destruíram a vida comunal e cortaram a possibilidade de homens e mulheres terem acesso direto aos meios de subsistência, mulheres tornaram-se mais

⁴⁸De acordo com a autora, o Estado moderno surge como uma aliança entre a burguesia nascente e a nobreza, no século XV, com a finalidade de derrotar as vitórias derivadas das lutas camponesas da baixa Idade Média. Segundo Silvia Federici, 2017, p.108: “Foi assim que a burguesia urbana, depois de dois séculos de lutas para conquistar a soberania plena dentro das muralhas de suas comunas, restituiu o poder à nobreza, subordinando-se voluntariamente ao reinado do Príncipe e dando, assim, o primeiro passo em direção ao Estado absolutista”.

⁴⁹Federici, Silvia, 2017, p. 327: “O fato de que os séculos XVI e XVII marcaram o momento de apogeu do mercantilismo e testemunharam o começo dos registros demográficos (nascimentos, mortes e matrimônios), do recenseamento e da formalização da própria demografia como a primeira “ciência de Estado”, é uma prova clara da importância estratégica que começava a adquirir o controle dos movimentos da população para os círculos políticos que instigavam a caça às bruxas (Cullen, 1975, p. 6 e segs.)”.

⁵⁰Federici, Silvia, 2017, p. 63: “Nas cidades comerciais italianas, as mulheres perderam o direito a herdar um terço da propriedade de seu marido (a tertia)”.

⁵¹Federici, Silvia, 2017, p.64: “embora geralmente fossem os membros mais pobres da sociedade urbana, com o tempo as mulheres ganharam acesso a muitas ocupações que posteriormente seriam consideradas trabalhos masculinos. Nas cidades medievais, as mulheres trabalhavam como ferreiras, açougueiras, padeiras, candeieiras, chapeleiras, cervejeiras, cardadeiras de lã e comerciantes (Shahar, 1983, pp. 189-200; King, 1991, pp. 64-7). (...) Algumas guildas, incluindo a da indústria da seda, eram controladas por elas; em outras, a porcentagem de trabalho feminino era tão alta quanto a dos homens. No século XIV, as mulheres também estavam tornando-se professoras escolares, bem como médicas e cirurgiãs, e começavam a competir com homens formados em universidades, obtendo em certas ocasiões uma alta reputação.”

vulneráveis. De acordo com a autora, os cercamentos não foram apenas de terras, mas também dos corpos das mulheres, assim como o processo de acumulação primitiva envolveu a acumulação de trabalho disponível para ser explorado, bem como um acúmulo de divisões na classe trabalhadora⁵². A ofensiva antirrevolucionária da classe dominante envolveu um amplo período de perseguição e tortura das mulheres, na Europa, que ficou conhecido como “a grande caça às bruxas” do século XVI e XVII.

Tal período abrangeu uma campanha violenta de achincalhamento e degradação das mulheres, com o referido intuito de acumular seu trabalho não remunerado para as atividades de procriação e cuidado da força de trabalho⁵³. De acordo com Silvia Federici (2017, p.203):

Na Europa, o ataque contra as mulheres justificou a apropriação de seu trabalho pelos homens e a criminalização de seu controle sobre a reprodução. O preço da resistência era, sempre, o extermínio. Nenhuma das táticas empregadas contra as mulheres europeias e contra os sujeitos coloniais poderia ter obtido êxito se não tivesse sido sustentada por uma campanha de terror. No caso das mulheres europeias, foi a caça às bruxas que exerceu o papel principal na construção de sua nova função social e na degradação de sua identidade social.

A “grande caça às bruxas” envolveu a perseguição a quaisquer mulheres que colocassem em risco o projeto de transformação de seus corpos em um território de domínio político e econômico a serviço da reprodução e cuidado da força de trabalho. Dentro desta lógica de dominação, mulheres rebeldes, pobres, que incomodavam de alguma forma, resmungonas, curandeiras, parteiras⁵⁴, independentes e feiticeiras (que ainda propagavam a cultura da magia medieval) foram acusadas de bruxaria durante os referidos séculos.

Federici ressalta que centenas de milhares de mulheres foram mortas, pelo processo de caça às bruxas. A perseguição envolvia impedimentos às mulheres de exercerem seus ofícios,

⁵²Federici, Silvia, 2017, pp.232-pp234: “Dessa forma, a acumulação primitiva foi, sobretudo, uma acumulação de diferenças, desigualdades, hierarquias e divisões que separaram os trabalhadores entre si e, inclusive, alienaram a eles mesmos”.

⁵³Federici, Silvia, 2017, p.199: “As mulheres não poderiam ter sido totalmente desvalorizadas enquanto trabalhadoras e privadas de toda sua autonomia com relação aos homens se não tivessem sido submetidas a um intenso processo de degradação social; e, de fato, ao longo dos séculos XVI e XVII, as mulheres perderam terreno em todas as áreas da vida social”.

⁵⁴Federici, Silvia 2017, p.177: “Com a marginalização das parteiras, começou um processo pelo qual as mulheres perderam o controle que haviam exercido sobre a procriação, sendo reduzidas a um papel passivo no parto, enquanto os médicos homens passaram a ser considerados como “aqueles que realmente davam vida”. (...) (como nos sonhos alquimistas dos magos renascentistas). Com essa mudança, também teve início o predomínio de uma nova prática médica que, em caso de emergência, priorizava a vida do feto em detrimento da vida da mãe. Isso contrastava com o processo de nascimento habitual que as mulheres haviam controlado. E, para que efetivamente ocorresse, a comunidade de mulheres que se reunia em torno da cama da futura mãe teve que ser expulsa da sala de partos, ao mesmo tempo que as parteiras eram postas sob a vigilância do médico ou eram recrutadas para policiar outras mulheres”. Silvia Federici, Silvia, 2017, p.327-328: “Também sabemos que muitas bruxas eram parteiras ou “mulheres sábias”, tradicionalmente depositárias do conhecimento e do controle reprodutivo femininos (Midelfort, 1972, p. 172)”.

de serem médicas, parteiras, de estarem acompanhadas por outras mulheres em seus partos, além das práticas de torturas e assassinatos (como mortes na fogueira).

As dimensões do massacre deveriam, entretanto, ter levantado algumas suspeitas: em menos de dois séculos, centenas de milhares de mulheres foram queimadas, enforcadas e torturadas. Deveria parecer significativo o fato de a caça às bruxas ter sido contemporânea ao processo de colonização e extermínio das populações do Novo Mundo, aos cercamentos ingleses, ao começo do tráfico de escravos, à promulgação das Leis Sangrentas contra vagabundos e mendigos, e de ter chegado a seu ponto culminante no interregno entre o fim do feudalismo e a “guinada” capitalista, quando os camponeses na Europa alcançaram o ponto máximo do seu poder, ao mesmo tempo que sofreram a maior derrota da sua história.(...).

Durante a caça às bruxas, mulheres foram retratadas como seres selvagens a serem dominados. Contudo, ao final deste processo, teorias e a nova moralidade passaram a descrevê-las como seres débeis, frágeis, com pouca capacidade⁵⁵. Tais teorias refletiram-se, inclusive, no pensamento filosófico da época que as mostrava como seres inferiores. É neste contexto que foi criado o novo mito da feminilidade da mulher branca.

É importante ressaltar que o mito da feminilidade construído para oprimir as mulheres brancas nunca imperou para as mulheres negras que, além dos cuidados com a casa e com os filhos, sempre compuseram o contingente de mão de obra pesada, durante a escravidão e pós-escravidão, como ressaltam Djamilia Ribeiro e Angela Davis⁵⁶.

De acordo com Angela Davis, era exigida a mesma carga de trabalho de homens negros e de mulheres negras, durante a escravidão, provando que o mito da feminilidade era imposto apenas às mulheres brancas. Contudo, os castigos infligidos às mulheres negras eram ainda maiores, pois para além dos extenuantes trabalhos nas lavouras, torturas e assassinatos, sofriam abusos sexuais de todo tipo⁵⁷.

O resultado deste amplo processo de caça às bruxas, na Europa, foi a construção de uma nova ordem patriarcal em que mulheres europeias ficariam confinadas aos trabalhos domésticos e de cuidado com a reprodução da força de trabalho. O controle de seus corpos transformou-se em território do Estado, uma vez que seus saberes contraceptivos e abortivos foram

⁵⁵Federici, Silvia, 2017, p.205: “Embora na época da caça às bruxas as mulheres tenham sido retratadas como seres selvagens, mentalmente débeis, de desejos insaciáveis, rebeldes, insubordinadas, incapazes de autocontrole, no século XVIII o cânone foi revertido. Agora, as mulheres eram retratadas como seres passivos, assexuados, mais obedientes e morais que os homens, capazes de exercer uma influência positiva sobre eles”.

⁵⁶Davis, Angela, 2017, p.145: “À medida que a ideologia da feminilidade – um subproduto da industrialização – se popularizou e se disseminou por meio das novas revistas femininas e dos romances, as mulheres brancas passaram a ser vistas como habitantes de uma esfera totalmente separada do mundo do trabalho produtivo. A clivagem entre economia doméstica e economia pública provocada pelo capitalismo industrial, instituiu a inferioridade das mulheres com mais força do que nunca. Na propaganda vigente, “mulher” se tornou sinônimo de “mãe” e “dona” de casa”, termos que carregavam a marca fatal da inferioridade. Mas, entre as mulheres negras escravas, esse vocabulário não se fazia presente (...)”.

⁵⁷Dias, 2020, p.145.

criminalizados. Mulheres, na Europa, passaram a ser vigiadas e controladas para que fosse impedido que interrompessem a gravidez. Inúmeras foram acusadas de crime de infanticídio caso seus bebês nascessem mortos ou fossem perdidos por outras razões. As pessoas passaram a ser incitadas a denunciar e a vigiar os gestos e atitudes de mulheres que colocassem em risco a criação desta nova divisão sexual do trabalho.

Este fato estava dentro de uma política mais ampla que envolvia a acumulação primitiva capitalista. Conforme se denominou, a acumulação capitalista, assim entendida por Silvia Federici, envolvia a acumulação de trabalho a ser explorado, como o trabalho assalariado, não assalariado das mulheres brancas a serviço da procriação, escravo de indígenas, de negros e negras traficados para as Américas, bem como a acumulação de divisões e hierarquias dentro da classe trabalhadora.

Tal processo também se deu nas Américas, com a perseguição na forma de caça às bruxas às mulheres pertencentes aos povos originários para que seus corpos se transformassem em lócus à serviço do controle dos conquistadores, bem como para que fosse perpetrada uma destruição das práticas, elos e saberes comunais indígenas⁵⁸. “Por todos esses motivos, as mulheres se converteram nas principais inimigas do domínio colonial, negando-se a ir à missa, a batizar seus filhos ou a qualquer tipo de cooperação com as autoridades coloniais e com os sacerdotes” (Federici, Silvia 2017, p.402).

Mulheres indígenas foram a coluna vertebral de vários movimentos de resistência anticolonial, como, por exemplo, do movimento Taki Onqoy⁵⁹. Segundo citação de Silvia Federici, elas dirigiram ou foram guias de muitas das grandes revoltas anticolonias⁶⁰. De acordo com a autora: “Ao perseguir as mulheres como bruxas, os espanhóis atingiam tanto os praticantes da antiga religião como os instigadores da revolta anticolonial, ao mesmo tempo que tentavam redefinir “as esferas de atividade nas quais as mulheres indígenas podiam participar” (Silverblatt, 1987, p. 160). As acusações assemelhavam-se às feitas às mulheres da Europa, como “pactos e fornicção com o diabo, prescrição de remédios à base de ervas, uso de unguento, voar pelos ares e fazer amuletos de cera (...)” (Federici, Silvia, 2017, p.404).

⁵⁸Federici, Silvia, 2017, p.402: “(...) com a chegada dos espanhóis, ao mesmo tempo que as uniões poligâmicas eram dissolvidas, nenhuma mulher indígena se encontrava a salvo do estupro ou do rapto. Dessa forma, muitos homens, em vez de se casarem, começaram a recorrer à prostituição (Hemming, 1970). Na fantasia europeia, a América em si era uma mulher nua, sensualmente reclinada em sua rede, que convidava o estrangeiro branco a se aproximar. Em certos momentos, eram os próprios homens “índios” que entregavam suas parentes aos sacerdotes ou aos encomenderos em troca de alguma recompensa econômica ou de um cargo público.

⁵⁹Federici, Silvia, 2017, p. 402.

⁶⁰Federici, Silvia, 2017, p 404.

O processo de caça às bruxas nas Américas não solapou, porém, a resistência dos povos originários, seus vínculos com a terra, com as religiões locais e com a natureza. Tal luta sobreviveu à perseguição, especialmente devido ao combate anticolonial e anticapitalista realizado pelas mulheres indígenas, ao longo de mais de quinhentos anos⁶¹.

Do ponto de vista do processo de exploração global, a contraofensiva antirrevolucionária que tomou conta da Europa em um violento processo de acumulação primitiva de trabalho levou as classes dominantes a empreenderem a conquista e dominação de outros povos pelo mundo, como os povos africanos que foram capturados e levados à força para sofrerem a pior das explorações humanas, a saber: a escravidão. A conquista das Américas também levou à opressão e assassinatos em massa dos povos indígenas. Mulheres negras e indígenas sofreram ainda mais neste processo, pois além de terem seus trabalhos explorados, por meio da opressão mais cruel que é a escravidão, passavam por abusos sexuais de toda sorte.

Segundo a autora, a violência e assassinato realizados contra os povos africanos trazidos para as Américas, bem como contra povos indígenas, pode ser comparada a um verdadeiro genocídio⁶², conforme mencionou-se.

Um processo de produção teórica, moral e legal acompanhou a escravidão dos povos negros e indígenas, retratados como povos sem racionalidade, débeis, animais, com uma cultura atrasada que deveria ser modificada pelos conquistadores. Este retrato inventado dos povos nativos da África e das Américas serviu de justificação teórica para sua escravização, torturas, assassinatos e abusos sexuais dos corpos das mulheres pertencentes a estes povos.

Assim firmava-se a acumulação primitiva de capital que envolvia um processo de acúmulo de trabalho para ser explorado e uma ofensiva mundial contra a classe trabalhadora, abarcando os cercamentos de terra na Europa e a constituição de uma ideologia da disciplina do corpo para composição da força de trabalho para a exploração através do assalariamento, cercamentos dos corpos das mulheres dentro da lógica de imposição de uma nova divisão sexual do trabalho e exploração não remunerada de seus trabalhos, tráfico e escravidão dos povos africanos e escravização dos povos originários, bem como legitimações teóricas acerca de sua vil exploração. Silvia Federici ressalta que quando olhamos a imagem das relações presentes

⁶¹Federici, Silvia, 2017, p.382.

⁶²Federici, Silvia, 2017, p.126: Nota 61. “A dimensão da catástrofe demográfica causada pelo “intercâmbio colombiano” continua sendo debatida até hoje. As estimativas do declínio da população na América do Sul e na América Central no primeiro século pós-colombiano variam muito, mas a opinião acadêmica contemporânea é quase unânime em comparar seus efeitos a um holocausto americano”.

no processo de origem do modo de produção capitalista, parece que estamos em um imenso campo de concentração⁶³.

A posição de Angela Davis e Djamila Ribeiro sobre caminhos de luta

De acordo com Djamila Ribeiro o racismo é um sistema de opressões que nega direitos, exclui oportunidades e mata⁶⁴. Segundo a autora, a categoria negro é uma invenção da branquitude (um sistema que privilegia pessoas brancas em detrimento das demais) que desde o período colonial enxerga os povos africanos como se fossem uma massa única de pessoas diferentes dos brancos pela cor da pele. A autora ressalta que tais povos possuíam culturas próprias, distintas umas das outras na África⁶⁵, e que foram violentamente aprisionados, jogados em navios para serem despejados no continente americano como coisas. Muitos morreram na viagem e os que chegaram com vida, nas Américas, foram expostos à mais penosa existência como escravos e escravas.

O povo escravizado era submetido a extenuantes jornadas de trabalho, sendo castigado com torturas e assassinatos ao mínimo sinal de insubmissão. Darcy Ribeiro, em seu livro *O Povo Brasileiro*, destaca que existiam castigos preventivos, só para que não sonhassem com qualquer possibilidade de fuga⁶⁶, contudo este sonho nunca deixou de estar presente e de ser efetuado. Apesar de todas as humilhações, homens negros e mulheres negras afirmavam sua humanidade, a partir de resistências como a fuga. De acordo com Darcy Ribeiro (1995, p.118):

A empresa escravista, fundada na apropriação de seres humanos através da violência mais crua e da coerção permanente, exercida através dos castigos mais atroz, atua como uma mó desumanizadora e deculturadora de eficácia incomparável. Submetido a essa compressão, qualquer povo é desapropriado de si, deixando de ser ele próprio, primeiro, para ser ninguém ao ver-se reduzido a uma condição de bem semovente, como um animal de carga; depois, para ser outro, quando transfigurado etnicamente na linha consentida pelo senhor, que é a mais compatível com a preservação dos seus interesses.

O espantoso é que os índios como os pretos, postos nesse engenho deculturativo, consigam permanecer humanos. Só o conseguem, porém, mediante um esforço inaudito de auto-reconstrução no fluxo do seu processo de desfazimento. Não têm outra saída, entretanto, uma vez que da condição de escravo só se sai pela porta da morte ou da fuga.

⁶³Federici, Silvia, 2017, p.120: “(...) com efeito, quando olhamos para o começo do desenvolvimento capitalista, temos a impressão de estar num imenso campo de concentração”.

⁶⁴Ribeiro, Djamila, 2018, p.39: “Algumas pessoas pensam que ser racista é somente matar, destratar com gravidade uma pessoa negra. Racismo é um sistema de opressão que visa negar direitos a um grupo, que cria uma ideologia de opressão a ele”.

⁶⁵Ribeiro, Djamalia, 2019b, p.35-36: “O racismo é uma problemática branca, provoca Grada Kilomba. Até serem homogeneizados pelo processo colonial, os povos negros existiam como etnias, culturas e idiomas diversos—isso até serem tratados como “o negro”. Tal categoria foi criada em um processo de discriminação, que visava ao tratamento de seres humanos como mercadoria. Portanto, o racismo foi inventado pela branquitude, que como criadora deve se responsabilizar por ele”.

⁶⁶Ribeiro, Darcy, 1995, p.120: “Semanalmente vinha um castigo preventivo, pedagógico, para não pensar em fuga, e, quando chamava atenção, recaía sobre ele um castigo exemplar, na forma de mutilações de dedos, do furo de seios, de queimaduras com tição, de ter todos os dentes quebrados criteriosamente, ou dos açoites no pelourinho, sob trezentas chicotadas de uma vez, para matar, ou cinquenta chicotadas diárias, para sobreviver”.

Portas estreitas, pelas quais, entretanto, muitos índios e muitos negros saíram; seja pela fuga voluntarista do suicídio, que era muito freqüente, ou da fuga, mais freqüente ainda, que era tão temerária porque quase sempre resultava mortal. Todo negro alentava no peito uma ilusão de fuga, era suficientemente audaz para, tendo uma oportunidade, fugir, sendo por isso supervisionado durante seus sete a dez anos de vida ativa no trabalho. Seu destino era morrer de estafa, que era sua morte natural. Uma vez desgastado, podia até ser alforriado por imprestável, para que o senhor não tivesse que alimentar um negro inútil.

Em outras palavras, apesar da obstinada tentativa dos conquistadores de desumanizar os povos trazidos da África e indígenas, com torturas físicas e psicológicas, bem como com assassinatos, tais povos resistiram com o sonho e a prática constante da fuga.

Angela Davis em seu livro, *Mulheres, Classe e Raça* descreve que homens e mulheres eram submetidos a exaustivas jornadas de trabalho e que ambos os sexos eram cobrados com a mesma severidade. Em outras palavras, o mito da feminilidade que se criou para as mulheres brancas nunca imperou para as mulheres negras. Estas últimas eram chamadas a trabalhar nas lavouras, na mesma intensidade que os homens, conforme verifica-se no exemplo a seguir:

A maioria dos proprietários utilizava um sistema de cálculo do rendimento do trabalho escravo com base nas taxas médias de produtividade exigida. As crianças, assim, eram frequentemente consideradas um quarto de força de trabalho. Em geral, as mulheres eram uma força de trabalho completa – a menos que tivessem sido expressamente designadas para as funções de “reprodutoras” ou “amas de leite”, casos em que às vezes sua força de trabalho era classificada como incompleta. (Davis, Angela, 2016, p.21).

Apesar das mesmas obrigações de trabalho no campo que os homens, as mulheres negras deveriam gerar, amamentar e cuidar de seus filhos, quando suas crianças não eram violentamente arrancadas delas para serem vendidas. Suas funções na lavoura eram apenas atenuadas quando eram designadas a papéis de “reprodutoras” ou “amas de leite”, conforme mencionou-se acima. Às mulheres escravizadas eram imputados castigos ainda mais cruéis do que aos homens, pois estas sofriam constantes abusos sexuais, inclusive como forma de atingir seus companheiros⁶⁷.

A resistência foi ampla e aguerrida, resultando, especialmente, em fugas que deram origem à formação dos quilombos no Brasil, por exemplo. Darcy Ribeiro descreve que tais comunidades se constituíam como projetos sociais alternativos, espaços de resistência que não possuíam divisões de classe. Conforme afirma o autor: “Sua forma era principalmente a da fuga, para a resistência e para a reconstituição de sua vida, em liberdade, nas comunidades solidárias dos quilombos, que se multiplicaram aos milhares.”.

⁶⁷Davis, Angela, 2016, p.19: “Mas as mulheres também sofriam de forma diferente, porque eram vítimas de abuso sexual e outros maus-tratos bárbaros que só poderiam ser infligidos a elas. A postura dos senhores em relação às escravas era regida pela conveniência: quando era lucrativo explorá-las como se fossem homens, eram vistas como desprovidas de gênero; mas, quando podiam ser exploradas, punidas e reprimidas de modos cabíveis apenas às mulheres, elas eram reduzidas exclusivamente à sua condição de fêmeas”.

Angela Davis ressalta que houve também pequenas resistências como escravos e escravas negras que secretamente aprendiam a ler para que pudessem ter acesso às notícias e às informações políticas⁶⁸.

A autora ressalta que, nos Estados Unidos, para além da resistência de homens negros e mulheres negras, inúmeras mulheres brancas, muitas delas professoras, uniram-se ao movimento abolicionista, pois além de identificarem-se com a causa, viram no movimento a possibilidade de ter voz no espaço público. Muitas mulheres brancas, frequentemente, faziam alusão à palavra escrava para descrever sua situação. É claro que suas condições não se comparavam às dos povos negros submetidos à escravidão, mas tal alusão pode ter feito com que muitas destas mulheres se identificassem com esta causa⁶⁹.

Esta união entre o povo negro e mulheres brancas, pela abolição da escravidão nos EUA, constituiu-se como o que a autora denominou de “uma poderosa aliança”⁷⁰. Após a abolição da escravidão, nos Estados Unidos, mulheres brancas que compunham o movimento feminista abandonaram seus irmãos e irmãs negras e adotaram, cada vez mais, discursos racistas com a finalidade de angariar apoio dos homens brancos capitalistas, para que conquistassem o voto feminino. Sua errônea avaliação era a de que com a abolição da escravidão homens negros e mulheres negras estariam na mesma situação política das mulheres brancas, sem acesso ao voto⁷¹.

Com a abolição da escravidão nos Estados Unidos, o povo negro tornou-se mão de obra pobre que passou a ocupar as posições de piores remunerações, como trabalho no campo, ou

⁶⁸Davis, Angela, 2016. p.34-35: “Em muitos casos, a resistência envolvia ações mais sutis do que revoltas, fugas e sabotagens. Incluía, por exemplo, aprender a ler e a escrever de forma clandestina, bem como a transmissão desse conhecimento aos demais. Em Natchez, Louisiana, uma escrava comandava uma “escola noturna”, dando aulas a seu povo das onze horas da noite às duas da manhã, de maneira que conseguiu “formar” centenas de pessoas. Sem dúvida, muitas delas escreveram as próprias licenças de viagem e tomaram o rumo da liberdade. No livro *Negras raízes* – relato ficcionalizado que Alex Haley faz da vida de seus ancestrais –, Belle, a esposa de Kunta Kinte, aprendeu sozinha e com dificuldade a ler e a escrever. Em segredo, ela lia os jornais de seu senhor, mantendo-se a par dos acontecimentos políticos e transmitindo as informações a sua irmã e seu irmão escravos”.

⁶⁹ Davis, Angela, 2016, p.46: “Na mesma época, mulheres brancas de origem mais abastada começavam a lutar pelo direito à educação e por uma carreira fora de casa. As mulheres brancas do Norte – tanto as donas de casa de classe média quanto as jovens operárias – frequentemente evocavam a metáfora da escravidão quando tentavam expressar suas respectivas opressões”.

⁷⁰Davis, Angela, 2016, p.47: “Prudence Crandall foi uma professora que desafiou a população branca de Canterbury, Connecticut, ao aceitar uma menina negra em sua escola. Sua postura íntegra e inflexível durante toda a polêmica simbolizou a possibilidade de firmar uma poderosa aliança entre a já estabelecida luta pela libertação negra e a embrionária batalha pelos direitos das mulheres”. (grifo nosso).

⁷¹Davis, Angela, 2016, p.85: “Elas presumiram que a abolição do sistema escravagista elevava a população negra a uma posição comparável, em quase todos os aspectos, àquela das mulheres brancas de classe média na sociedade estadunidense: “[Com] a abolição e a Lei dos Direitos Civis, o negro e a mulher passaram a ter a mesma situação política e social, faltando a ambos apenas o voto. A suposição de que a emancipação tornava os ex-escravos iguais às mulheres brancas – sendo que os dois grupos precisavam conquistar o voto para completar sua igualdade social – ignorava a total precariedade da recém-conquistada “liberdade” da população negra após a Guerra Civil.

serviços de empregadas domésticas para mulheres, sujeitas a constantes abusos sexuais. Aos homens negros foi colado o rótulo de estupradores e às mulheres negras o símbolo de mulheres lascivas a serem violentadas⁷². No Brasil, o povo negro foi deixado à própria sorte, sem nenhum tipo de auxílio ou terra, fazendo com que fossem obrigados a morar em áreas periféricas das cidades, constituindo bairros pobres como as favelas.

De acordo com Angela Davis, homens negros e mulheres negras eram alvos de constantes ataques e linchamentos, inclusive estimulados por legislações segregacionistas como as leis de Jim Crow⁷³ dos EUA. O racismo, estabelecido institucionalmente durante o período colonial, continuava a tirar vidas e direitos, constantemente, após à abolição da escravidão, tanto nos Estados Unidos, quanto no Brasil, mostrando como a avaliação das feministas brancas norte-americanas não estava apenas equivocada, mas colocou-se a serviço de um projeto de opressão do povo negro pela classe dominante.

O racismo, para além da negação de direitos e constituição de opressões, construía-se como uma forma de dividir a classe trabalhadora, de jogar trabalhadores e trabalhadoras brancas contra a força de trabalho negra. Segundo Angela Davis (2016, p.129): “Claro, essa luta entre a classe trabalhadora branca e negra não era inevitável. Entretanto, apologistas da nova classe de capitalistas monopolistas estavam determinados a provocar essa divisão racista”.

A luta pelo voto das feministas brancas, ao assumir um frequente discurso racista, de supremacia branca, para tentar angariar apoio dos capitalistas brancos, colocou-se como uma luta não potente, como uma luta que aprofundou opressões ao invés de superá-las⁷⁴.

O racismo, mesmo após a abolição da escravidão, constituía-se como uma forma de opressão que nega direitos às pessoas negras⁷⁵, que reduz suas oportunidades, que diminui suas chances de acesso ao estudo e a trabalhos com melhores remunerações, que os destitui de sua humanidade e os reduz à condição de objeto. Este sistema de opressão está entranhado em todos os âmbitos sociais, desde a constituição do humor, de padrões estéticos, de apagamento epistêmico dos saberes dos povos negros, até o assassinato de pessoas negras pelo simples fato de serem negras.

⁷²Davis, Angela, 2016, p.97: “Os abusos sexuais sofridos rotineiramente durante o período da escravidão não foram interrompidos pelo advento da emancipação. De fato, ainda constituía uma verdade que “mulheres de cor eram consideradas como presas autênticas dos homens brancos”

⁷³Davis, Angela, 2016, p.123: “Com essa decisão, as leis Jim Crow e a lei de linchamentos – uma nova modalidade de escravização racista – receberam sanção judicial. Desse modo, três anos depois, a decisão do caso Plessy versus Ferguson anunciava a doutrina do “separados, mas iguais”, que consolidava o novo sistema de segregação racial do Sul”.

⁷⁴Davis, Angela, 2016, pp.80-81.

⁷⁵Ribeiro, Djamila, 2019b, p.12: “O racismo é, portanto, um sistema de opressão que nega direitos, e não um simples ato da vontade de um indivíduo”.

De acordo com Djamila Ribeiro⁷⁶, entre 2007 e 2018, foram mortas, no Brasil, 553 mil pessoas, 71% dos assassinatos são de pessoas negras, embora sejam 55,8% da população. A cada 23 minutos um jovem negro é assassinado, neste país, o que demonstra o racismo explícito na escolha feita pelos opressores entre quem vive e quem morre.

A partir da análise dos dados apresentados pela autora, pode-se concluir que o genocídio do povo negro que se iniciou com o tráfico de escravos continua até hoje. Segundo Djamila Ribeiro (2019b, p.94): “está em curso o genocídio da população negra, sobretudo jovens”.

Esta opressão explícita em número de assassinatos, no Brasil, é uma violência presente também no epistemicídio operado pelo “apagamento sistemático de produções e saberes produzidos por grupos oprimidos” (Ribeiro, Djamila, 2019b, p.61). A construção de universais como homem ou mulher que excluem as diferenças presentes entre diversos homens e mulheres é um exemplo de epistemicídio. Nem todos os homens são socialmente iguais, assim como nem todas as mulheres são iguais do ponto de vista social⁷⁷. As diferenças sociais entre homens brancos e negros são gritantes⁷⁸, pois aos homens negros são negadas oportunidades de todo tipo, como acesso à educação de qualidade, à saúde e a empregos com melhores remunerações, além de seu assassinato em massa perpetrado pela polícia brasileira. Mulheres brancas e negras também carregam diferenças sociais que as distinguem e que negam direitos e oportunidades, especialmente às últimas. Mulheres brancas seriam o que Simone de Beauvoir chama de “o outro”, conforme ressalta Djamila Ribeiro, pois apesar de serem brancas, e aceitas socialmente por isto, carregariam (do ponto de vista social) uma falha de nascença, a saber: não serem homens. “De modo geral, diz-se que a mulher não é pensada a partir de si, mas em comparação ao homem⁷⁹”(Ribeiro, Djamila, 2019a, p.34). Já as mulheres negras seriam o que a autora cunha

⁷⁶Ribeiro, Djamila, 2019b, p.94: Mas é preciso lembrar que a vítima preferencial tem pele negra. O Atlas da Violência de 2018, realizado pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública, revelou que a população negra está mais exposta à violência no Brasil. Os negros representam 55,8% da população brasileira e são 71,5% das pessoas assassinadas.

⁷⁷Ribeiro, Djamila, 2019a, p.69: “A teoria do ponto de vista feminista e lugar de fala nos faz refutar uma visão universal de mulher e de negritude, e outras identidades, assim como faz com que homens brancos, que se pensam universais, se racializem, entendam o que significa ser branco como metáfora do poder, como nos ensina Kilomba. Com isso, pretende-se também refutar uma pretensa universalidade. Ao promover uma multiplicidade de vozes o que se quer, acima de tudo, é quebrar com o discurso autorizado e único, que se pretende universal.

⁷⁸Ribeiro, Djamila, 2019a, p.39: “É muito importante perceber que homens negros são vítimas do racismo e, inclusive, estão abaixo das mulheres brancas na pirâmide social. Trazer à tona essas identidades passa a ser uma questão prioritária. Em sua análise, ao não universalizar nem a categoria mulher e nem a homem, Kilomba cumpre esse papel”.

⁷⁹Ribeiro, Djamila, 2019a, p.34: “É como se ela se pusesse se opondo, fosse o outro do homem, aquela que não é homem. A filósofa francesa Simone de Beauvoir nos dá uma perspectiva interessante ao cunhar a categoria do Outro, em O segundo sexo, de 1949 (...)”.

como o outro do outro, pois não são nem homens e nem brancas, tendo seus direitos totalmente negados⁸⁰.

Sendo assim, para Djamila Ribeiro, romper com universais significa nomear opressões⁸¹, dar visibilidade a elas e tentar entender como entrelaçam-se em um complexo de explorações que constituem a sociedade capitalista. Como vimos anteriormente, no tópico sobre Silvia Federici, este sistema surge como um modo de produção que visa explorar e acumular trabalho e que, portanto, colocou em marcha um processo de exploração do máximo número possível de corpos, a serviço de uma classe dominante. A constituição de uma força de trabalho assalariada, a escravização, a construção do racismo e de uma nova divisão sexual do trabalho estão dentro deste contexto de composição e de reprodução do modo de produção capitalista.

O assalariamento de pessoas significou a extração de trabalho não pago de grande contingente populacional, pois o assalariamento significa, exatamente, pagar aos trabalhadores o mínimo possível, extraíndo deles um excedente que é apropriado pelo capitalista. De acordo com Marx, o capital é uma relação⁸², um certo tipo de relação que envolve extração de mais-trabalho, na forma de mais-valor, de um excedente que é produzido pelos trabalhadores e não pelos capitalistas. Além deste tipo de exploração que é o assalariamento de pessoas, o modo de produção capitalista, em sua raiz, na acumulação primitiva, gerou o tráfico e escravização de pessoas negras e indígenas. Tal sistema submeteu pessoas negras ao racismo que se constituiu como um processo de negação de direitos, como um procedimento que coisifica e permite desde seu assassinato, até a sua maior exploração como mão de obra barata. Este sistema que nega direitos às pessoas negras, denominado racismo, ocasiona clivagens na classe trabalhadora, sendo responsável por sua divisão.

Do ponto de vista das mulheres brancas, criou-se uma nova divisão sexual do trabalho em que foram expropriados conhecimentos e saberes sobre práticas abortivas e contraceptivas, construindo-se uma imagem de debilidade que deveria estar sob o mando patriarcal de seus maridos. Mesmo quando as mulheres conseguiam atividades remuneradas, seus salários seriam menores do que os dos homens, precisamente devido a esta figura de fragilidade criada sobre elas. Conforme comentou-se, às mulheres negras nunca foi imputada a imagem de debilidade

⁸⁰Ribeiro, Djamila, 2019a, p.37: “Se, para Simone de Beauvoir, a mulher é o Outro por não ter reciprocidade do olhar do homem, para Grada Kilomba, a mulher negra é o Outro do Outro, posição que a coloca num local de mais difícil reciprocidade”.

⁸¹Ribeiro, Djamila, 2019a, p.21: “Devemos aprender com a história do feminismo negro, que nos ensina a importância de nomear as opressões, já que não podemos combater o que não tem nome. Dessa forma, reconhecer o racismo é a melhor forma de combatê-lo”.

⁸²Marx K., 2013, p.836.

física, pois sempre tiveram que ser trabalhadoras⁸³ para além do lar. Contudo, isto não significa que não tenham sido afetadas pela divisão sexual do trabalho que passava a imperar no modo de produção capitalista, pois também deveriam parir e cuidar de seus filhos, além de trabalhar fora de casa.

O modo de produção capitalista nos atomiza como produtores, enquanto indivíduos, como trabalhadores assalariados e enquanto um contingente populacional desempregado e não empregável, fazendo parecer que não possuímos relação uns com os outros ou com inúmeros elementos da vida social⁸⁴. Contudo, estamos em constantes relações e as próprias opressões são constituídas em um emaranhado de conexões que se ligam.

De acordo com Angela Davis, a empresa G4s seria a materialização destas opressões, pois lucra com a construção do muro entre Israel e os povos palestinos, com o encarceramento político da população palestina, com a elaboração do muro entre os EUA e México, com a edificação de presídios privados nos EUA, com a construção de escolas que se assemelham a presídios, além disso é também a maior empregadora corporativa da África do Sul, bem como está envolvida em assassinatos de imigrantes ilegais⁸⁵.

Em outros termos, esta empresa ganha com a separação dos povos, com a pobreza e encarceramento em massa do povo negro norte-americano. Ela compreendeu as conexões entre opressões que nós deveríamos ter compreendido há muito tempo, como afirma Angela Davis (2018, p.130).

Ou seja, opressões estão interligadas, estão na base de constituição desse modo de produção e são produzidas a cada novo ciclo de reprodução do capital. Extrair mais-valor dos trabalhadores e trabalhadoras é a regra do sistema, a partir da expropriação de excedente resultante do assalariamento. Por outro lado, o racismo como sistema que nega direitos serve para maior exploração do povo negro, assim como para gerar divisões dentro da classe

⁸³Ribeiro, Djamila, 2019a, p.46-47 em citação de texto de Sueli Carneiro: “Nós, mulheres negras, fazemos parte de um contingente de mulheres, provavelmente majoritário, que nunca reconheceram em si mesmas esse mito, porque nunca fomos tratadas como frágeis. Fazemos parte de um contingente de mulheres que trabalharam durante séculos como escravas nas lavouras ou nas ruas, como vendedoras, quituteiras, prostitutas... Mulheres que não entenderam nada quando as feministas disseram que as mulheres deveriam ganhar as ruas e trabalhar. Fazemos parte de um contingente de mulheres com identidade de objeto. Ontem, a serviço de frágeis sinhas e de senhores de engenho tarados”.

⁸⁴Dias, 2020, pp.151-152: “Ao longo de O Capital e outras obras, Marx mostra como todos e todas estão produzindo em relação, no âmbito do trabalho, e como a cada novo ciclo de produção do capital estas relações específicas do modo de produção capitalista são reproduzidas. Entretanto, a sociedade produtora de mercadorias não aparece como relações sociais entre pessoas em seus próprios trabalhos, mas como relações reificadas entre pessoas, como coisificação de pessoas e personificação de coisas, tudo isto como fruto dos próprios trabalhos privados que produzem mercadorias. Marx denomina este fenômeno inerente ao modo de produção capitalista como fetichismo da mercadoria. Marx, 2013, p.148”.

⁸⁵Davis, Angela, pp.60-61.

trabalhadora, jogando trabalhadores contra trabalhadores. Da mesma forma, a divisão sexual do trabalho presente no modo de produção capitalista gera maior opressão das mulheres brancas em relação a homens brancos e maior opressão das mulheres negras em relação a todos os outros membros da sociedade. Tal separação produz clivagens na sociedade que, contudo, podem ser solapadas quando entendemos as relações entre estas opressões e sua possibilidade de superação, a partir da luta conjunta de todos os oprimidos e oprimidas.

As mulheres negras são os corpos que entrecruzam todas estas opressões e a elas é imposto um não lugar, pelos direitos que lhes são socialmente negados. Entretanto, são estes mesmos corpos atravessados por todas estas opressões que possuem uma potência de trazer à tona as explorações de classe, raça e gênero e realçar lutas que signifiquem a construção de um modelo alternativo de sociedade. De acordo com Djamila Ribeiro (2018, pp.122-123) é necessário

Pensar como as opressões se combinam e se entrecruzam, gerando outras formas de opressão, é fundamental para se considerar outras possibilidades de existência. Além disso, o arcabouço teórico e crítico trazido pelo feminismo negro serve como instrumento para se pensar não apenas sobre as próprias mulheres negras, categoria também diversa, mas sobre o modelo de sociedade que queremos.

Falar sobre feminismo negro é pensar um lugar privilegiado de combate⁸⁶ que se coloque contra as opressões de raça, classe e gênero porque para que a mulher negra deixe de ser oprimida é necessário que pensemos novos marcos civilizatórios, uma nova forma de organizar a sociedade. Colocar-se ao lado das mulheres negras, nesta batalha, significa tecer o que Angela Davis denomina de lutas potentes, lutas contra as opressões, lutas anticapitalistas.

Alguém poderia objetar que seria possível lutar contra o sexismo sem combater o capitalismo ou que poderíamos lutar contra o racismo sem combater o modo de produção capitalista. A resposta seria: se o modo de produção capitalista é constituído como relações de opressão de gênero, classe e raça e a cada novo ciclo de sua produção ele reproduz-se reafirmando tais explorações, então não é possível eliminar todas as opressões que entrecruzam as mulheres negras sem eliminar o modo de produção capitalista.

É por isso que Angela Davis é exemplo de combate contra todas as formas de exploração, contra o modo de produção capitalista que produz e reproduz as várias opressões mencionadas como o racismo, o sexismo e a divisão de classes. A autora é a personificação de uma luta conjunta que só pode obter sua vitória final com a derrocada do sistema em que

⁸⁶Ribeiro, Djamila, 2018, p.46:” Seria como dizer que a mulher negra está num não lugar, mas mais além: consegue observar o quanto esse não lugar pode ser doloroso e igualmente atenta também no que pode ser um lugar de potência”.

vivemos e com a construção de outra sociedade em que qualquer rastro de opressão seja eliminado.

Por isso, o lugar social das mulheres negras constitui este local privilegiado de combate que coloca em pauta novos marcos civilizatórios, uma nova maneira de organizar a sociedade. Isto tanto é verdade que o feminismo negro liga ativismo à teoria e nunca separa ambas as esferas⁸⁷. A luta contra as opressões deve colocar nossos corpos unidos aos corpos das mulheres negras no combate às causas que produzem as explorações e, portanto, na batalha contra o modo de produção capitalista.

Conclusão

Procurou-se mostrar, neste artigo, de que forma o nascimento do modo de produção capitalista, por meio do processo de *acumulação primitiva*, constituiu-se como um processo que visava acumular trabalho, a partir de opressões como as de classe, raça e gênero. Tentou-se mostrar, partindo do pensamento de Silvia Federici, como o modo de produção capitalista surge por intermédio de uma contrarrevolução perpetrada pela classe dominante (da burguesia nascente junto da aristocracia), contra as conquistas da classe trabalhadora europeia da Idade Média.

Esta contrarrevolução colocou em marcha um processo de mais agudas divisões de classe, a partir dos cercamentos de terra, na Europa, que apartaram os indivíduos da possibilidade de ter acesso imediato aos bens de subsistência, bem como destruíram a vida comunal que estava ligada ao uso comum da terra. Este processo, de acordo com Federici, serviu não para liberar trabalhadores (como usualmente se pensa), mas com o intuito de fixá-los ao trabalho mal pago, para que perdessem suas conquistas anteriores. A autora ressalta, contudo, que foi necessário um longo período de extrema violência externa e de constituição de uma nova moral, de teorias, de religião, em suma de uma ideologia, para tentar criar um trabalhador disposto a se vender como força de trabalho assalariada, para gerar um trabalhador prudente que se autocontrola e que tem seu corpo subsumido a uma máquina. Segundo a autora, este processo levou mais de três séculos e terminou somente na segunda metade do século XIX.

Do ponto de vista da opressão de gênero, foi construída uma nova divisão sexual do trabalho em que os corpos das mulheres brancas foram “cercados”, transformados em territórios

⁸⁷Ribeiro, Djamilá, 2019a, p.49: “Uma característica interessante de muitas feministas negras é que elas não se restringem a se pensar somente como teóricas, mas como ativistas, militantes. Feminismo negro, segundo Sebastião, seria um movimento político, intelectual e de construção teórica de mulheres negras que estão envolvidas no combate às desigualdades para promover uma mudança social de fato; não seriam mulheres preocupadas somente com as opressões que lhe atingem, mulheres negras estariam discutindo e disputando projetos”.

político-econômicos, para que se colocassem a serviço da reprodução e cuidado com a força de trabalho. A partir dos cercamentos de terra, as mulheres foram expropriadas da vida comunal que fazia com que pudessem se proteger e se apoiar mutuamente. Foram expropriados e criminalizados saberes e práticas contraceptivas e abortivas. Mulheres foram mais prejudicadas que homens neste processo, pois não recebiam remuneração alguma pelo trabalho de reprodução e cuidado com a força de trabalho. Qualquer atitude, gestos ou palavras que se contrapusessem a esta nova divisão sexual do trabalho geraram a perseguição de seus corpos com a finalidade de submetê-las à nova ordem patriarcal. O procedimento de perseguição que levou à morte e tortura de centenas de milhares de mulheres, na Europa, ficou conhecido como caça às bruxas.

Paralelamente, dentro da mesma lógica de acumulação de trabalho não pago perpetrada pelas classes dominantes, povos africanos foram trazidos à força para o continente americano, bem como foram submetidos ao suplício da escravidão. Povos indígenas, originários das Américas, também foram escravizados, torturados e assassinados, constituindo-se um verdadeiro genocídio.

Tendo em vista as várias opressões que compõem o modo de produção capitalista, procurou-se entender, a partir da visão de Angela Davis e do pensamento de Djamilia Ribeiro, como o local da mulher negra constitui um lugar privilegiado de lutas contra todas as referidas formas de opressão, tendo em vista que seus corpos são entrecruzados por quase todas elas.

A partir da análise do movimento feminista negro, pelos escritos das mencionadas autoras, chegou-se à conclusão que não é possível lutar contra as explorações sofridas pelas mulheres negras sem lutar contra a causa que cria e recria estas opressões, a saber: o modo de produção capitalista (entendido como um sistema de explorações). Neste sentido, o exemplo de luta de Angela Davis é emblemático, pois a autora nunca pensa apenas a partir do ponto de vista de uma só opressão, mas age por meio da conexão das diversas explorações que, inevitavelmente, demandam que oprimidos e oprimidas lutem conjuntamente contra o sistema que constantemente as produz.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DAVIS, ANGELA. *A Liberdade é uma luta constante*. São Paulo: Boitempo editorial, 2018.
- _____. *Uma Autobiografia*. São Paulo: Boitempo editorial, 2019.
- _____. *A democracia da abolição: para além do império, das prisões e da tortura*. Rio de Janeiro: Editora Bertand Brasil, 2019.
- _____. *Mulheres, cultura e política*. São Paulo: Boitempo editorial, 2017.
- _____. *Mulheres, raça e classe*. São Paulo: Boitempo editorial, 2016.
- _____. *Women, race & class*. New York: Vintage Books, 1983.
- DIAS, M.C.L.C. A questão da opressão para Angela Davis. In: *Princípios*. Natal, Vol. 27, n.52, Jan-Abr., 2020, pp. 143-163.
- JOY J. The Angela Y. *Davis reader*. Massachusetts: Blackwell Publishers, 1998
- FEDERICI, SILVIA. *Calibã e a Bruxa*. São Paulo: Elefante editora, 2017.
- MARX, K. *O capital*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2013.
- MENDIETA E. Scholar's Symposium: The Work of Angela Y. Davis. The Prison Contract and Surplus Punishment: On Angela Y. Davis's Abolitionism. In: *Hum Stud*, Springer. New York: 30, October, 2007, pp.291–309.
- MORALEDA, Alba. “Silvia Federici: O feminismo não é uma escada para a mulher melhorar sua posição”. *El País*. 2019. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/03/20/cultura/1553071085_109576.html.
- RAMOS, SILVANA. “Mulheres e gênese do capitalismo: de Foucault a Federici”. In: *Princípios*. Natal, Vol. 27, n.52, Jan-Abr., 2020, pp. 199-212.
- RIBEIRO, DARCY. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- RIBEIRO, DJAMILA. Black feminism for a new civilizatory framework: a Brazilian perspective. In: *International Journal on Human Rights*. v.13, n.24, 2016, pp. 99 – 103.
- _____. *Lugar de fala*. São Paulo: Pólen, 2019a.
- _____. *Pequeno Manual Antirracista*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019b.
- _____. *Quem tem medo do feminismo negro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- SHAW R. F. Unorthodox Criminologists: A special issue – Part II Angela Y. Davis and the prison abolition movement, Part II. In: *Contemporary Justice Review*, vol. 12, n. 1, March, 2009, pp. 101–104.